



## “A nossa escola é viva porque atende à comunidade”

*Gestão democrática e participação da comunidade estimulam o aprendizado e fortalecimento cultural do povo indígena, fazendo da escola um local de troca de experiências e cidadania*

“A escola não está na comunidade, a escola é da comunidade”, a sensação de pertencimento é forte e não existe à toa. Estamos na Comunidade Indígena Santa Terezinha, no município de João Câmara/RN e conceitos como pertencimento e território são captados com muita propriedade através de uma conversa com Dioclécio Bezerra da Costa, mais conhecido como Dioclécio Mendonça.

Ele é o gestor da Escola Municipal Indígena Saramandaia, vivencia a educação em seu dia a dia e é pesquisador da educação indígena. “Nós somos uma gestão democrática e fomos escolhidos pela comunidade”, fala. Ao apresentar a dinâmica de funcionamento e o entrosamento que existe entre o espaço escolar e a comunidade indígena, Dioclécio reforça que a escola está ao dispor da comunidade e é isso que também dá grandiosidade à educação.

“A comunidade é quem discute e diz a respeito do uso dos espaços que existem”, reforça. A escola é um desses lugares que abraça a sala de aula com os seus alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental e ainda recebe a comunidade para atendimentos de saúde. A biblioteca funciona como uma sala para os professores e professoras, mas também acolhe a comunidade em momentos de consulta médica.

Trabalhando com um calendário anual letivo de, no mínimo, 200 dias de aulas, é interessante observar que os estudantes não têm recesso no período junino, porque o calendário é ajustado para os momentos mais importantes para a comunidade indígena. Assim, a viagem tradicional em outubro para Juazeiro/BA e a Festa do Umbu para marcar o período das chuvas são os períodos que as aulas são suspensas e os alunos têm os recessos. Marcando o respeito às tradições e ao calendário sociocultural do povo.

A Comunidade indígena Santa Terezinha é pertencente ao Povo Mendonça de Etnia Potiguara e é a 2ª maior comunidade indígena do RN, ficando a 12km da cidade de João Câmara. Atualmente, são 255 famílias vivendo na área, totalizando 1100 pessoas, segundo Dioclécio.

## A escola é da cor da terra

Até as paredes da escola conseguem refletir laços mais fortes com os estudantes e a comunidade, criando uma identidade com a terra e com o chão que sustenta tanta ancestralidade de um povo. Antes, as paredes receberam as cores da administração municipal e não representavam as histórias locais e seus elementos sagrados. Hoje, as paredes possuem o tom terroso e reforçam símbolos, cores e histórias indígenas.

“Definimos o tom terroso para pintar nossa escola, como uma forma de fortalecer nossa relação com a terra”, destaca Dioclécio.



***“Pensamos as oficinas práticas como momentos de aprendizados e reforço cultural”***



***“Somos uma gestão democrática escolhida pela comunidade”***

### **Aprender e valorizar a cultura tradicional**

A escola está sempre reforçando o seu compromisso com a educação e o respeito pelos saberes ancestrais e, por isso, cumpre uma série de atividades que amplia a vivência das crianças com as pessoas mais experientes da comunidade. Com os agricultores e agricultoras, eles aprendem com os relatos sobre a importância do tempo de colheita, os relatos sobre as comidas, o valor de um quintal rico em plantas medicinais. “Os estudantes também conversam com as benzedeadas da comunidade e aprendem sobre a importância da reza e da cura”, comenta Dioclécio.

A troca de experiência e os saberes tradicionais é um fluxo permanente entre a comunidade e a escola. A realização de oficinas para produzir elementos de barro e argila ou peças como arco, tora e flecha também acontecem com frequência. “Pensamos as oficinas práticas como momentos de aprendizados e reforço cultural”, diz o gestor. Quando as peças estão criadas pelos estudantes é muito comum que a escola estimule o escambo entre eles, para que possam trocar as peças produzidas.

Na escola, os cadernos e todos os outros materiais são usados com muita determinação e planejamento pela equipe, mas os saberes tradicionais são reconhecidos e integram a dinâmica dos alunos de forma muito natural e intensa.

Planejar formações e atividades pedagógicas que envolvam os alunos, os responsáveis e a equipe de professores também é algo realizado com frequência na comunidade. A escola desenvolve o projeto Bem viver e busca trabalhar de forma consciente a produção de lixo e o impacto no meio ambiente. “Buscamos sempre conscientizar e manter a limpeza em nossa comunidade, destacando o respeito pela natureza, a importância da reutilização e o impacto que o lixo pode causar na nossa flora e fauna”, reforça Dioclécio.



**“Hoje temos segurança hídrica e a cisterna é um instrumento valioso na comunidade”**

A gestão democrática na escola teve início em 2022 e de uma situação de abandono, o ambiente escolar começou a passar por melhorias e o planejamento hoje em dia é feito com o fórum de lideranças indígenas. “A escola está passando por uma ampliação e ainda contamos com sala multi-funcional, arquivo, biblioteca, sala para reunião e para os professores. Antes não existia preocupação com materiais escolar e pedagógicos, material de limpeza e hoje estamos funcionando com outra dinâmica”, fala Dioclécio. Um outro ponto importante é a composição do quadro de professores, prioritariamente, formado por indígenas. “A nossa escola é viva porque atende à comunidade indígena e é feita por ela”, destaca.

## Cisterna na escola: um instrumento valioso

Em 2024, o CMEI Indígena do povo Mendonça e a Escola Municipal Indígena Saramandaia foram contempladas pelo programa Cisterna na Escola executado pela Articulação Semiárido Brasileiro em parceria com a AACC, no território do Mato Grande. Com o objetivo de suprir a demanda de água para consumo durante o período de estiagem e garantir a discussão de políticas de convivência com o semiárido no ambiente escolar, as cisternas chegaram trazendo cidadania para as crianças e toda a comunidade.

“A cisterna é um instrumento valioso na comunidade e a água é um bem para todos”, fala Dioclécio. A água consumida na escola não tinha qualidade e isso não era prioridade em gestões passadas. “Agora podemos dizer que conquistamos nossa segurança hídrica e reservatória”, conclui. Priorizar água com qualidade para as crianças e toda a equipe da escola no contexto rural é desafiador mas também fortalece o papel democrático e instigante que toda escola deve ter. Para a Comunidade Indígena de Santa Terezinha, a ação da escola vai para além dos muros.